



PÉRSIO

Sátiras

EDIÇÃO BILÍNGUE

Introdução, tradução e notas
Fábio Paifer Cairolli


MADAMU

Copyright © Fábio Paifer Cairolli

2ª Edição, 2024

Título Sátiras

Autor Pérsio

Tradução Fábio Paifer Cairolli

Editores Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Capa KOPR Comunicação, com ilustração de Frank J. Buttera

Projeto gráfico e diagramação Alexandra Abdala

Revisão Willamy F. Gonçalves

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida total ou parcialmente sem permissão por escrito da Editora. Independentemente dos meios empregados para a reprodução não autorizada, estará o infrator sujeito às penalidades previstas na legislação civil e penal vigentes.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

P4666 Pérsio
Sátiras / Pérsio; tradução: Fábio Paifer Cairolli. 2.ed. – São Paulo: Madamu, 2024.
140 p.; 21 cm.

Inclui referências bibliográficas
ISBN: 978-65-86224-60-3

I. Literatura Latina Clássica. 2. Poesia. I. Cairolli, Fábio Paifer.
II. Título.

CDU 871-1

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura Latina Clássica
2. Poesia



Direitos reservados à

Editora Madamu
www.madamu.com.br
leitor@madamu.com.br

Impresso no Brasil

*Que as bestas andam juntas mais ornadas
Do que anda só o engenho mais profundo.*

Gregório de Matos

*A Paola, Livia, César
para que ganhem com as letras,
que tanto deles me roubam.*

*À Universidade Federal Fluminense
e suas pessoas pela acolhida
durante a execução deste projeto.*

Sumário

9	Introdução
39	A <i>Vita</i> de Pérsio
51	Sátiras
109	Breve história da leitura de Pérsio em língua portuguesa

Introdução

O livro que o leitor ou a leitora tem em mãos contém uma das obras mais singulares que sobreviveram da Antiguidade até nossos dias. Seu autor, poeta com sólida formação filosófica, soube criar uma obra ao mesmo tempo delicada e chocante, sofisticada e brusca, fiel às tradições poéticas em que se inseria e avessa a classificações, inovadora e não-linear, composta das imagens mais claras e dos conceitos mais desafiadores da interpretação. Publicada apenas após a morte de seu autor, foi avidamente lida e amada por uma cidade que o autor não hesitou em criticar, em todos os seus extratos sociais. Quase dois mil anos após a sua publicação, as *Sátiras*, de Pérsio, continuam sendo uma leitura necessária e que é apresentada pela primeira vez em tradução poética para leitores de língua portuguesa.

Da breve vida de Aulo Pérsio Flaco temos um mosaico interessante de informações, uma vez que, além daqueles dados que com precaução podem ser recolhidos dos próprios poemas, também chegou ao nosso tempo uma *Vita Persii*, cuja redação – não isenta dos próprios problemas textuais – parece remontar a um período próximo ao que viu o poeta florescer. Nosso autor nasceu no ano de 34 d.C. na cidade de Volaterra, na Etrúria. Evidências epigráficas (Nielsen, 1986), bem como a redação da *uita*, deixam entrever uma família bem situada na estrutura social local, e não desprovida de recursos. Não só o *nomen* de Pérsio é etrusco como sua família está ligada a outra importante família etrusca, os Cecina.

Não passou despercebida pela recepção a ideia de que a fala de Pérsio também deve ser ouvida como uma voz etrusca, minoritária, de contraposição no mundo latino: Otto Seel, tradutor alemão das *Sátiras*, desenvolve uma relevante comparação entre Pérsio e Kafka, um etrusco escrevendo em la-

tim e um judeu escrevendo em alemão, dado que ambos são incrivelmente sensíveis à realidade e possuem o mesmo tipo de acuidade analítica, além de uma incrível capacidade de apropriação (Seel, 1974, p. 119-20).

Ainda na infância, Pérsio perdeu o pai e, poucos anos depois, um padrasto. Aos estudos em sua cidade natal se seguiu a transferência para Roma, onde frequenta, a partir dos doze anos, prestigiados professores de gramática e retórica. Na adolescência passa a frequentar o círculo do filósofo Âneo Cornuto, de quem recebeu a formação filosófica e cujo convívio rememora na *Sátira* 5. Pouco se sabe de sua vida adulta: membro da ordem equestre, uma das duas ordens da aristocracia romana, transitou com aparente tranquilidade por variados setores da vida intelectual da *urbs*. O biógrafo é cioso em apontar as relações que o poeta mantinha com diversos indivíduos notáveis de seu tempo, como o senador e historiador Servílio Noniano ou Lucano, provavelmente o poeta mais importante do período, que teria frequentado as leituras que o autor fez de sua obra.

Um especial destaque deve ser dado às possíveis implicações que o poeta pode ter tido com a oposição estoica, nome dado a um conjunto de atos de conspiração de membros da elite aos últimos governantes da dinastia Júlio-claudiana, Cláudio e, principalmente, Nero, caracterizada pelo vínculo de diversos dos opositores à filosofia estoica: além das relações desenvolvidas em vida com o *magister*, Âneo Cornuto, provavelmente um liberto de algum dos membros da família Ânea, a mesma do filósofo Sêneca e de seu sobrinho Lucano, a *Vita Persii* frisa a proximidade do poeta com Trásea Peto, de quem era amigo e ao qual se ligava pelos laços de sangue que tinha com sua esposa, Árria. Ele, filósofo e senador, foi uma das muitas vítimas do terror neroniano; ela, por sua vez, era filha de Árria, a velha, e de Aulo Cecina Peto, condenados, décadas antes, em uma conspiração contra o imperador Cláudio,

cujo suicídio tornou-se modelar da firmeza estoica. Veja-se, por exemplo, sua transposição ao gênero epigramático por Marcial (*Epigramas*, I, 13):

Casta suo gladium cum traderet Arria Paeto,
quem de uisceribus strinxerat ipsa suis,
'Si qua fides, uulnus quod feci non dolet,' inquit,
'sed tu quod facies, hoc mihi, Paete, dolet.'

Árria, a casta, ao passar ao seu Peto uma espada
que ela própria arrancou de suas vísceras,
disse: "A ferida que eu me fiz não dói, eu juro;
a que tu farás, sim, Peto, me dói."¹

A mão da morte tocou o poeta ainda muito jovem: Pérsio morreu poucos dias antes de completar 28 anos, de uma doença no estômago. A *Vita* é ciosa em mencionar seu testamento, que legava sua abundante biblioteca e uma quantia para o amigo Cornuto, que recusa o presente financeiro, além de todo o capital que ficou para a mãe e a irmã, que a ele sobreviveram. É digno de nota também o retrato pintado pelo biógrafo, que atribui ao poeta, tão irado em seus versos, um caráter gentil, quase como o de uma menina, subserviente – algo inusitado no mundo romano – à mãe.

Falecido o poeta, Cornuto toma conhecimento da obra poética do pupilo, recomendando a destruição de tudo o mais, salvando-se apenas os poemas satíricos, nos quais opera alguns ajustes – os mais notáveis são a redução de alguns versos no final do último poema e uma potencial alusão a Nero

1. Todas as traduções apresentadas, salvo quando expressamente indicado, são de nossa própria autoria.

na primeira sátira – encarregando da publicação um outro amigo de Pérsio, o poeta Césio Basso.

A Sátira, gênero poético no qual se insere a presente obra, é, dentre os grandes gêneros da Antiguidade, um dos mais difíceis de definir. Antigênero por excelência, é muito mais vezes descrito por seus praticantes em termos daquilo que *não* é. Na *sátira* 5, por exemplo, o gênero é o contrário da tragédia e da poesia épica. Estes gêneros, sugere o poeta, “Grandiloquentes, no Hélicon aspirem fumos” (v. 7: *grande locuturi nebulas Helicone legunto*). A grandeza desses gêneros também lhes atribui o caráter vago e supérfluo, semelhante ao das nuvens no alto da montanha das musas. Mas que não se suponha que o extremo oposto seja o lugar da sátira; seu lugar também não é o da magra refeição dos plebeus (V, 19-20) ou o *pulo*, vestimenta humilde de tom escuro:

non equidem hoc studeo, pullatis ut mihi nugis
pagina turgescat dare pondus idonea fumo.

Isso não quero, que o papel se encha de nugas
vestindo o pulo, a ponto de dar peso ao fumo.

Nuga (às vezes vertido como *bobagem*, ou *bagatela*) é, pelo menos desde Catulo, termo técnico da poética clássica, definidor de todas as matérias humildes do aqui e agora das pessoas comuns. É de Catulo, por exemplo, o poema (13) em que convida um amigo para jantar em sua casa, garantindo que a refeição será tão boa quanto as coisas que o amigo trouxer, já que o próprio poeta nada tem a oferecer.

O gênero satírico tem a sua própria pretensão. Como na *sátira* 5, que temos referido, o lugar do gênero pode ser comparado ao salutar convívio do poeta com seu mentor Cornuto, que se descreve como (vv. 43-44):

unum opus, et requiem pariter disponimus ambo,
atque uerecunda laxamus seria mensa,

juntos dispondo em parte igual trabalho e folga,
trazendo o assunto sério pra mesa modesta.

Veja-se aqui a ideia da medida, compreensão de um espaço justo para as ocupações e o repouso, e um convívio que se desenvolve ao redor de uma mesa modesta. O adjetivo aqui traduz o termo latino *uerecunda*, que igualmente se relaciona ao comedimento de quem sabe não depender de luxos, mas também é o ancestral etimológico da nossa *vergonha*. A sátira, gênero moralista que é, é o espaço da voz que teria vergonha de se empanturrar num mundo em que se vê outras pessoas passando fome.

Em que pesem os tortuosos caminhos interpretativos que o estudioso precisa empreender para definir o gênero satírico, a Antiguidade deixou efetivamente algumas tentativas de definição que lançam valiosa luz sobre os textos. O tradicional ponto de partida é a definição de Quintiliano, retor do final do século I d.C., que em suas *Formações do Orador* dá esta sumária, porém condicionante definição do gênero e de sua prática:

Satura quidem tota nostra est, in qua primus insignem laudem adeptus Lucilius quosdam ita deditos sibi adhuc habet amatores ut eum non eiusdem modo operis auctoribus sed omnibus poetis praefere non dubitent. XCIV. Ego quantum ab illis tantum ab Horatio dissentio, qui Lucilium “fluere lutulentum” et esse aliquid quod tollere possis putat. Nam et eruditio in eo mira et libertas atque inde acerbitas et abunde salis. Multum est tersior ac purus magis Horatius et, nisi labor eius amore, praecipuus. Multum et verae gloriae quamvis uno libro Persius meruit. sunt clari hodieque et qui olim nominabuntur. (X, 1, 93-94)

A sátira é toda nossa. Nela, o primeiro que obteve fama notável foi Lucílio, o qual até hoje possui alguns apaixonados de tal forma que não hesitam em preferi-lo não somente aos outros autores do gênero, mas a todos os poetas. [94] Eu discordo tanto deles quanto de Horácio, que pensa que Lucílio “flui cheio de lodo” e que possui coisas que podem ser cortadas. Pois nele há tanto a admirável erudição quanto a liberdade, e logo o amargor e o sal abundante. Muito mais elegante e puro é Horácio e, a menos que me engane por amor a ele, se sobressai. Muita glória, e verdadeira, foi a que mereceu Pérsio, embora tenha escrito um único livro. Há hoje em dia outros notáveis e que serão lembrados no futuro.

O ponto de partida de Quintiliano é a percepção de que, entre os gêneros poéticos que os romanos praticam, a sátira em verso é o único que não possui um antecedente grego, sendo invenção dos poetas latinos (*tota nostra*) e, subentende-se, algo que seria representativo de um modo de pensar nativo. Embora essa afirmação seja superficialmente verdadeira, ela não dá conta de todos os aspectos do gênero, a começar pela própria afirmação horaciana, reiterada por Pérsio, que coloca a sátira em uma genealogia que se funda na Comédia Antiga. Na sátira I, 4, por exemplo, Horácio descreve o procedimento destes poetas e coloca-os como modelos de Lucílio:

Eupolis atque Cratinus Aristophanesque poetae atque alii, quorum comoedia prisca uirorum est, siquis erat dignus describi, quod malus ac fur, quod moechus foret aut sicarius aut alioqui famosus, multa cum libertate notabant. hinc omnis pendet Lucilius, hosce secutus, mutatis tantum pedibus numerisque, facetus, emunctae naris, durus componere uersus.

5

Aristófanes, Êupolis, Cratino e outros poetas que são donos da comédia antiga, se mereciam descrição os maus, ladrões, adúlteros, sicários, ou outros famosos, eles com muita liberdade os apontavam. Deles todos depende Lucílio e os segue mudando os pés e o metro somente, sagaz, de faro fino, duro no arranjo dos versos.

5

Diz o venusino, no verso 6, que Lucílio segue (*secutus*), que se pendura (*pendet*) nos poetas da Comédia Antiga. Estes poetas, e podemos verificá-lo nas peças sobreviventes de Aristófanes, ao deparar-se com alguém digno de ser descrito por seus vícios, faziam-no com muita liberdade.

Nessa afirmação já se expõem duas das principais características do gênero satírico. Primeiramente, que se fala contra os vícios de pessoas reais, identificáveis. É prototípica desse procedimento a ácida construção da imagem de Sócrates na comédia *As Nuvens*, de Aristófanes, como um sofista dado à fraude. Os efeitos de tal descrição podem se fazer sentir quando Platão sugere, na *Apologia de Sócrates*, que o comediógrafo teve papel na animosidade contra o filósofo, culminando em sua condenação à morte em 399 a.C.

A questão da realidade ou ficcionalidade dos caracteres invectivados, na qual se aproximam comédia antiga e sátira, não é casual e desprovida de interesse estético, mas um ponto programático. Veja-se, por contraste, como Marcial, poeta contemporâneo a Pérsio, no prefácio de seu primeiro livro descreve o diferente proceder de sua poesia, que contém bastante invectiva, mas pertence ao gênero epigramático:

Spero me secutum in libellis meis tale temperamentum ut de illis queri non possit quis- quis de se bene senserit, cum salua infirmarum quoque perso- narum reuerentia ludant; quae adeo antiquis auctoribus defuit ut nominibus non tantum ue- ris abusi sint, sed et magnis.	Espero ter seguido em meus livri- nhos equilíbrio tal que não se pos- sa queixar a respeito deles quem quer que tenha de si boa opinião, uma vez que brincam com salutar respeito também para com as pes- soas humildes, respeito que faltou aos autores antigos, que não abu- saram só de nomes verdadeiros, mas também de nomes grandes.
---	---

16

Em seguida, e talvez o ponto mais central, Horácio descreve o fazer poético dos comediógrafos antigos como um registrar com grande liberdade (*magna cum libertate*). Este é termo importante, pois apropriada como critério poético um conceito jurídico e político. Falar livremente, na Grécia aristofânica como no período tardo-republicano que é o das *Sátiras* de Horácio, é o resultado, por um lado, da existência de um regime não autoritário em que as pessoas possam falar livremente, como a democracia ateniense ou a república romana, mas por outro do próprio estatuto de homem livre que o poeta satírico exerce nessa sociedade. Marcial, em seu epigrama I, 67, elabora brilhantemente a poética e a política da liberdade:

‘Liber homo es nimium’ dicis mihi, Ceryle, semper.
In te qui dicit, Ceryle, liber homo est.

“Tu és livre demais”, sempre, Cérilo, dizes.
Quem fala contra ti é um homem livre.

A fala livre de Marcial só é possível porque ele é um homem livre. Na contundência do epigrama, fica implícito que a liberdade de fala não é apenas uma possibilidade em um regime livre (Marcial e Pérsio, importa lembrar, não vivem nesse regime), mas um privilégio de quem tem um estatuto social privilegiado, de homem livre. Cérilo, cujo nome evidencia a condição de estrangeiro, não só tem vícios (por ser estrangeiro), mas não tem a liberdade jurídica de falar contra alguém, em poesia como no fórum.

Ao mencionar a questão rítmica, Horácio ainda dá margem a uma outra aproximação da poesia satírica aos autores gregos. Embora os poetas satíricos quase exclusivamente tenham elegido o hexâmetro datílico como metro de sua poesia, a obra de Pérsio inclui um poema prefacial (embora alguns manuscritos o apresentem no fim do volume, nós, como a maioria dos editores, o apresentamos no início da tradução) escrito em colímbos. Ao escolher este metro, também conhecido por escazonte, Pérsio aproxima a sátira do espaço discursivo de Hipônax de Éfeso, poeta grego do século VI a.C., a quem se atribui sua criação. O colímbos é composto por um trímetro jâmbico, com a substituição do último pé jâmbico por um troqueu ou por espondeu. Assim, o ritmo uniforme e ascendente do verso é quebrado, ao seu final, por um pé descendente. Esta deformidade, que dá o caráter claudicante do verso (com efeito, o nome escazonte vem do verbo grego *σκαλίζω*, “eu manco”) emprestaria ao verso um efeito risível. Ainda assim, estando composto em ritmo primordial-

17

mente jâmbico, o prefácio de Pérsio vincula a poesia satírica à jâmbica.

Dito nesses termos, não só se incorporam poetas jâmbicos como Hipônax e Arquíloco, com sua raiva programática, aos modelos do gênero satírico, mas também se sugere a possibilidade de uma leitura não compartimentalizada dos livros de *Sátiras* e *Epodos* de Horácio.

Retornando ao comentário de Quintiliano, após propor a origem latina da sátira, o retor discorre pelos autores do ponto de vista de sua recepção, antes que por seu estilo. Ao fazê-lo, ressalta o entusiasmo dos admiradores de Lucílio, com o qual não concorda, e por isso constrange seu leitor a observar Lucílio e Horácio como modelos dicotômicos de poesia satírica. Muito embora o distanciamento desses autores seja proposto já por Horácio, ele não é necessariamente a chave de leitura mais importante para o gênero. Pérsio, que lê e emula ambos os poetas, descreve seu fazer poético de forma convergente (I, 114-118): Lucílio quebra os dentes sobre seus adversários após persegui-los pela cidade; Horácio é exímio em puxá-los pelo nariz. Em ambos os casos, ainda que diferentes, os poetas capturam sua vítima, possuindo-a sob o controle de sua arcada dentária ou de sua mão.

De Quintiliano também depende a construção de um cânone de poesia satírica que é basicamente o mesmo que temos hoje, que se abre com Lucílio, é contraposto por Horácio, é aumentado por Pérsio e se fecha com os talentos do presente – o que poderia ser uma menção ao ainda inédito Juvenal. Primeiro deve-se apontar que o fim dessa lista é deixado em aberto pelo plural da última frase (*sunt clari* – “*existem notáveis*”) e, com efeito, além de Juvenal, há outros poetas satíricos sendo comentados pelos leitores do período: Estácio inclui a poesia satírica entre os interesses de um Manílio Vopisco, personagem de difícil identificação (*Silv.*, I, 3, 103); Marcial cita as *Sátiras* de Júlio Rufo (X, 99), que circulavam

com um retrato do autor, e de Turno (XI, 10), poeta palaciano do período – Juvenal, amigo de Marcial, é citado em três epigramas, mas nunca na condição de poeta.

Mais grave, contudo, é a omissão das confusas origens da Sátira. Prudentemente, Quintiliano aponta que Lucílio foi o primeiro a *alcançar elogios* no gênero, o que é diferente de ser o primeiro a produzir o gênero, mas o exime de discutir o que o autor aportara ao gênero e o que era material tradicional. Com efeito, sabemos que autores anteriores a Lucílio, como Névio (c. 270 – c. 201 a.C.), compuseram suas próprias *Saturae*, das quais escassos fragmentos sobrevivem, mas que aparentam ter incluído discussões éticas com tom sentencioso e variedade métrica, incluindo ritmos típicos dos gêneros dramáticos. O gramático Diomedes (*Ars Gramm.*, III, p. 485) distingue a sátira de Lucílio, Horácio e Pérsio daquela de Ênio (c. 239 – c. 169 a. C.) e Pacúvio (220 – 130 a. C.), cujas sátiras eram *carmen quod ex uariis poematibus constabat* (“um canto composto por vários poemas”).

Ainda entre as definições do gênero satírico que são oferecidas por autores não satíricos, importa observar o verso de Estácio há pouco referido (*Silv.*, I, 3, 103): *liuentem satiram nigra rubigine turbes* (“quer turves a lívida sátira com negra ferrugem”). Aqui, o gênero satírico move um afeto, ou mais propriamente o sintoma de um afeto: o livor, a palidez (*liuentem satiram*), a ausência de cor no rosto causada por diversos sentimentos, como a raiva e o espanto. Sobre esta superfície branca, o gênero lança a ferrugem (*rubigine*), que é o resultado da corrosão do metal. É uma imagem preciosa, dado que descreve tanto os resultados (lividez) como os procedimentos do gênero (corroer). Ao mesmo tempo, aproxima o gênero de suas possíveis etimologias.

Satura, forma feminina do adjetivo *satur*, quer dizer cheio, misturado, saturado e, lembram os gramáticos antigos, estava relacionada também a outros contextos: a *Lex satura*

(lei mista) era um aprovisionamento que levava à votação não apenas uma lei, mas um conjunto delas, muitas vezes sem vínculo, procedimento vetado em 98 a. C. pela *Lex Caecilia Didia*, que considerava o procedimento abusivo, uma vez que forçava um voto único de aprovação ou reprovação para temas que, separados, receberiam pareceres diversos. Era uma ferramenta de manipulação política no período republicano. Havia ainda a *Satura Lanx*, o prato misturado, em que se reuniam diversos ingredientes. Varrão, nas suas *Quaestiones Plautinae*, teria oferecido uma receita, tendo por ingredientes mulso, *pinoli*, uvas-passas e cevada, o que pressupõe que, já no período arcaico, essa mistura fosse mais ou menos estável – uma proto-*paella* ou, se nos ativermos ao sabor local, uma feijoada à moda latina.

Gramáticos como Diomedes, Festo e Pseudo-Acrão declaram que o nome do gênero provém das acepções acima, particularmente do prato, o que, diante da obsessão alimentar que encontramos nas imagens de Pérsio, da qual tivemos um aperitivo, parece uma leitura tentadora. E, no entanto, a leitura das fontes clássicas não é desprovida de problemas interpretativos que mantêm os pesquisadores em divergência.

Acima de tudo, somos particularmente inclinados a apreciar, como critério central de compreensão do gênero poético, a ambiguidade que o termo sátira comporta, a saber, de ser um poema cheio, composto pela mistura de vários poemas, mas ao mesmo tempo um poema que leva seu assunto às raias da saturação. O amálgama do gênero é como o procedimento físico-químico: em uma solução, um solvente pode absorver uma quantidade de soluto até um ponto – de saturação – em que a mistura deixa de ocorrer. Quer misturem-se diversos poemas, como na sátira arcaica de Ênio e Pacúvio, quer misturem-se caracteres viciosos ao modo aristofânico, a opulência do gênero é o denominador comum.

Dito isso, na tríade dos poetas cuja obra chegou a nós de forma mais ou menos integral, Horácio, Juvenal e Pérsio, pode-se chegar a uma descrição de trabalho em que a sátira é um gênero de poesia invectiva autorreferenciado no qual a matéria é desenvolvida a partir de uma contraposição muito intensa entre uma *persona* satírica e a cidade. A observação de um mundo incrivelmente vicioso leva *ego* a um estado de revolta que o qualifica para o discurso satírico. Horácio, Pérsio e Juvenal (provavelmente na esteira de Lucílio) descrevem um processo em que, por um lado, constrói-se uma *persona* poética detentora de *auctoritas*: Juvenal (I, 15-17) fala sobre já ter passado da idade em que se frequenta a escola de retórica e seus exercícios oratórios absurdos.

Pérsio desenha nos vv. 8-11 uma *persona* velha e cheia de experiência:

nam Romae quis non — ali, si fas dicere — sed fas
tunc cum ad canitiem et nostrum istud uiuere triste aspexi
ac nucibus facimus quaecumque relictis,
cum sapimus patruos; tunc tunc ignoscite

pois quem em Roma — ah, se dizer pudesse! — Eu posso
sempre que minhas cãs e o meu triste viver
observo e as coisas que ao largar as nozes fiz,
igual a um tio. Portanto, relevem!

A imagem é tanto mais significativa do procedimento literário quanto mais se evidenciar que o poeta, falecido aos 27 anos de idade, nunca chegou a ser o tio grisalho que fez muitas coisas desde que deixou de ser criança.

Sendo um observador maduro do mundo, é impossível não perceber seu desconcerto, pintado em tintas berrantes pelos poetas, e a escolha do gênero satírico é inevitável. Tudo